



Devemos aprender tudo e usar o que for necessário.

Foi a partir dessa máxima que, quando eu cursava o 4º ano primário, atual Ensino Fundamental, um dos meus mestres de ofícios perguntou:

“Sabes ler uma carta e fazer outra? Sabes fazer as quatro operações de contas?”.

Respondi que sim e ele retrucou: “Sabes fazer uma casa?”.

Respondi que não e ele falou: “Então saia da escola e venha aprender a fazer as coisas de que você vai precisar”.

Isso foi no início da década de 1970, no Vale do Rio Berlengas, hoje município de Francinópolis, no estado do Piauí.

# NEGO BISPO

No mesmo período, questões iguais ou parecidas aconteceram em vários lugares no chamado mundo subdesenvolvido. Era a instalação das bases de comercialização do lixo da Segunda Guerra Mundial.

Naqueles tempos, a maioria dos contratos era oralizada, então as escolas escrituradas vieram para substituir esses contratos. E assim começou uma grande disputa entre os saberes resolutivos e os explicativos, os compartilhados e os mercantilizados.

Antônio Bispo dos Santos instaura uma ruptura no espaço em que atua, reorganizando conceitos, acordando pensamentos e olhos dormentes, e ocupando o que é seu por direito, sem concessão, inclusive o seu coração, se assim você permitir. Porque ele sabe brigar e parece até gostar disso, mas antes de tudo sabe olhar para o outro e lhe dar a mão.

Chamado pela alcunha de Nego Bispo, ele é muito conhecido no universo quilombola brasileiro e cada vez mais reverenciado como pensador na academia, com citações em teses e convites para proferir palestras, dar aulas e contar histórias.

Ainda criança, foi escolhido pela comunidade onde vivia, no sertão do Piauí, para frequentar a escola, recebendo ajuda financeira e afetiva para cumprir a tarefa. Concluiu o Ensino Fundamental e seus conselheiros decidiram que era hora de ele aprender o conhecimento orgânico local: a cuidar da terra, construir casas e produzir seu próprio mundo, como sempre foi.

A partir daí, de mãos dadas com a ancestralidade, descobriu como ajudar a sua comunidade sendo um tradutor de dois mundos – o oral e o escrito. Depois de alguns anos, foi morar no Rio de Janeiro, mas retornou para o Piauí para se dedicar à questão fundiária. Acompanhou a “Constituição de 1988” e expandiu o conceito do reconhecimento de quilombos para as áreas de retomada; afinal, grande parte dos negros escravizados não tinha terra ou moradia havia gerações, e da mesma forma merecia a compensação.

Nego Bispo coordenou mais de 15 ocupações no Piauí, inclusive a retomada do Quilombo do Saco-Curtume, em São João do Piauí, município médio no semi-árido onde vive com a família. Ele é membro da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq) e da Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (Cecoq/PI).

Entre os mestres que o formaram e formam – porque Nego Bispo não para de pensar nem de aprender –, ressalta Joana Máximo e Norberto Máximo, sua avó e seu tio-avô. Deles absorveu sobretudo as questões morais – o compromisso com a sua verdade e o cuidado com o outro –, a coragem e a mandinga (termo de origem africana de que a capoeira se apropriou para definir certo tipo de movimento/ação que desarma o opositor não por atingi-lo, mas por surpreendê-lo).

Na sua mandinga, Nego Bispo ocupou terras, defendeu o seu povo e deu início ao processo de tombamento de conhecimentos locais: os batuques de quilombos no Piauí, o tambor de crioula e o jucá da volta do Quilombo de Campo Grande (prática de movimentos de defesa usando um tacape de madeira de juazeiro/pau-ferro). Assim, foi organizando um pensamento coletivo que registrou em livro em 2007, reeditado em 2015 como COLONIZAÇÃO, QUILOMBOS – MODOS E SIGNIFICAÇÕES.

Ele desenvolve projetos com a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade de São Paulo (USP). Em suas palestras, combate o pensamento instaurado com conceitos que vão do contracolonialismo à cosmofobia, com argumentos concisos e a certeza de que não está só – além de seus antepassados, representa um milhar de pessoas apartadas dos canais de transformação social de um mundo contratual.



#### **UM EMISSÁRIO DE SABERES ANCESTRAIS**

O verbo APRENDER conjuga-se e mistura-se no dia a dia de fazeres deste lavrador – quilombola – intelectual que repassa, ensina, provoca e lembra uma ruma de saberes a partir do Piauí.

• O menino designado entre os primeiros de sua comunidade a aprender a ler e a escrever para traduzir o mundo das letras escritas no momento em que os contratos orais definhavam como compromisso firmado e afirmado foi além e tornou-se também ativista político, poeta, pensador e ensinador. • Autodefine-se como um “relator de saberes” e, para nós, além disso, é emissário ilustrador dos saberes orais e ancestrais herdados, um “ressabedor” que ex-

pande, interliga, provoca, ensina e avança. Ele mesmo conta que, ao receber os ensinamentos de um ancestral, ouviu: “Estou chorando porque lhe ensinei tudo o que sabia, mas não sabia tudo o que queria lhe ensinar”. • Antônio Bispo dos Santos é conhecedor de simplicidades complexas, como quando diz que “a vasilha de dar é a mesma de receber”. Sabe ensinar, preservar, expandir e lavar a palavra e o pensamento. É um andaime que impulsiona e resguarda saberes, e costuma dizer que “analisa o pensamento dos colonialistas não para tentar mudá-los, mas para evitar que seja mudado por eles”. • É uma alegria encontrar Nego Bispo ao lado de Ana Mae Barbosa e Mestre Meia-Noite, ambos contemplados no mesmo verbo APRENDER na edição anterior deste prêmio. **EDSON NATALE**